

## A PESQUISA EM PSICOLOGIA E O USO DE VÁRIOS INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Gláucia Lorena Guedes dos Santos<sup>1</sup>  
Lidiane de Oliveira Goes<sup>2</sup>

O presente trabalho tem como objetivo discutir o uso de vários instrumentos de investigação na pesquisa psicológica a partir do relato da construção do campo de pesquisa de duas dissertações de mestrado. Ambas estão fundamentadas na perspectiva de investigação qualitativa que tem como interesse investigar como as pessoas categorizam, compreendem a si mesmas e o mundo que as rodeiam. O campo de pesquisa aqui compreendido se assemelha à definição de campo-tema de Peter Spink (2003, p.28) a qual corresponde a uma "rede complexa de sentidos", que vai sendo construída num constante diálogo acerca do tema. Diálogo esse "debatido", "negociado" e "arguido", situado dentro de um processo que tem tempo e lugar históricos. Participam desse processo de negociação do cotidiano da pesquisa tanto o pesquisador quanto aquele que é pesquisado. A compreensão de campo presente neste trabalho abrange todas as fases da pesquisa em que uma escolha e discussão de um dado tema fazem parte do campo de pesquisa. A partir disso, defendemos a ideia de que uma escolha das ferramentas de investigação vai sendo delineada desde o momento que entramos no campo, ou seja, desde o momento que escolhemos o tema. Instrumentos de pesquisa, tais como a observação participante, a entrevista e a análise de documentos de domínio público foram usados dentro de uma perspectiva de pesquisa concebida como prática social, resultante do momento de interação entre pesquisador e pesquisados. Uma pesquisa, assim compreendida, possibilita ao pesquisador estar aberto à aplicação e à criação de vários instrumentos de pesquisa adequados a uma dada realidade social, bem como possibilita uma apreensão da complexidade da mesma.

Palavras-chave: Pesquisa psicológica, instrumentos de pesquisa, pesquisa qualitativa

- 
- 1 Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco.  
E-mail: [glacialorena@gmail.com](mailto:glacialorena@gmail.com)
  - 2 Profa. Ms. do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas.  
E-mail: [lidianegoes@yahoo.com.br](mailto:lidianegoes@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

As duas dissertações que pautaram a construção deste trabalho foram realizadas pelas pesquisadoras durante o Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco e foram ambas "defendidas" em 2008.

A pesquisa de Santos (2008) intitulada "Sobre Discursos e Práticas: a reabilitação psicossocial pelo 'olhar' dos técnicos de referência de um CAPS da Região Metropolitana do Recife" teve como objetivo geral investigar o processo de reabilitação considerando o discurso e a prática dos técnicos de referência de um serviço substitutivo aos hospitais psiquiátricos, no caso um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) da Região Metropolitana de Recife.

O referencial teórico desta dissertação foi a Psicologia Sócio-Histórica, segundo a qual uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos requer o entendimento das mudanças históricas que lhe deram origem e atualmente o circunscrevem (BOCK, GONÇALVES e FURTADO, 2001). Tivemos como instrumentos de pesquisa a observação, grupos focais e entrevistas. Desde o início esta pesquisa se configurou com uma metodologia qualitativa, ou seja, muito mais focada em uma ampla exploração e leitura aprofundada dos dados do que em um número muito grande deles.

Já a outra dissertação, a pesquisa de Goes (2008), intitulada "Os usos da nomeação *mulher pescadora* no cotidiano de homens e mulheres que atuam na pesca artesanal" teve como objetivo analisar os usos da nomeação "mulher pescadora" no que se refere ao reconhecimento profissional do trabalho feminino e à conquista de direitos no cotidiano da pesca artesanal.

O referencial teórico e metodológico desta dissertação foram as práticas discursivas e produção de sentidos, em uma perspectiva construcionista. A metodologia foi configurada através da análise de documentos de domínio público, de entrevistas com homens e mulheres que atuam na pesca artesanal, além de observações em lugares de circulação de homens e mulheres que atuavam na pesca nos bairros pesquisados.

A partir destas informações a respeito de nossas pesquisas muitos questionarão o que há em comum entre as duas que justifique a elaboração do presente trabalho. Contudo, ambas, partindo dos referenciais teórico-metodológicos adotados, foram pesquisas qualitativas que se utilizaram de vários instrumentos de investigação.

Adotamos metodologias qualitativas porque acreditamos no pressuposto de que as pessoas agem segundo suas crenças, valores e percepções (ALVES, 1991) sobre si mesmas e o mundo que as rodeiam. Isto não implica que uma pesquisa realizada através de método quantitativo não fosse capaz de apreender crenças, percepções e valores.

À pesquisa qualitativa interessa a compreensão dos fenômenos considerando a complexidade e as contradições inerentes aos mesmos. Características, tais como, a impressividade, a irregularidade, a transmutação das relações sociais, tão visíveis no dia-a-dia das pessoas, são acolhidas na perspectiva qualitativa como informações relevantes a serem analisadas ao se investigar um determinado fenômeno humano e social. O que não ocorre na perspectiva quantitativa, visto que a mesma se preocupa com as regularidades, a mensuração e a aplicação de leis e explicações gerais aos mesmos fenômenos por estar edificada no modelo das ciências naturais (CHIZZOTTI, 1995).

Contudo, em nossa concepção de Psicologia percebemos os sujeitos constituídos e constituintes na relação com os outros, ou seja, o indivíduo se constituiria enquanto humano através da mediação do mundo realizada pelas relações com outros indivíduos. Assim a produção de sentidos / significados é algo fundamental em todas as esferas de vivência. E, além de significar, também experimenta este sujeito neste mundo. Seria na cultura, então,

mediada por outros indivíduos, que nós humanos nos tornaríamos humanos (BOCK, GONÇALVES e FURTADO, 2002).

Caberia ao pesquisador, então:

(...) O esforço analítico de ultrapassar essa aparência (essas formas de significação) e ir em busca das determinações (históricas e sociais), que configuram-se no plano de motivações como sujeito, necessidades, interesses (portanto que são individuais e históricos), para chegar ao sentido atribuído / constituído pelo sujeito (AGUIAR *em* BOCK, GONÇALVES e FURTADO, 2002, p.131).

As práticas discursivas e produção de sentidos, ao focalizarem o seu estudo na linguagem em uso, compartilha dessa ideia em que ao mesmo tempo em que o sujeito é construído, também ele constrói o seu contexto social.

O aspecto da linguagem performático (como as pessoas falam, categorizam, nomeiam a si e ao mundo) abordado por esse referencial teórico-metodológico destaca o interesse do mesmo nas práticas cotidianas onde a linguagem atua como ação social.

As categorias, como nomeações, como práticas profissionais, por exemplo, são configurações sociais que dizem respeito às formas como as pessoas lidam com as situações do cotidiano.

Já a Psicologia Sócio-Histórica foi constituída com base nos trabalhos de Vygotsky (1896 – 1934), Leontiev (1903 – 1979) e Luria (1902 – 1977). Estes pesquisadores russos tinham a intenção de analisar os conhecimentos em psicologia através da filosofia materialista dialética de Karl Marx (1818 – 1883) e Friedrich Engels (1820 – 1895) (Bock, Gonçalves & Furtado, 2001).

Teríamos, então, como noções básicas para a pesquisa pautada na Psicologia Sócio-Histórica a historicidade e a cultura de uma determinada sociedade na qual se desenrola o fenômeno estudado, tendo como prerrogativas buscar entender esse objeto de estudo em sua totalidade (social, histórica, cultural), além de acompanhar o movimento e a transformação contínua dos fenômenos e compreender que as mudanças pelas quais eles passam é qualitativa e ocorre através do acúmulo de elementos qualitativos, que são contraditórios e se revelam e se constituem enquanto tal na relação com o mundo, o que os levam a se transformarem (BOCK *in* BOCK, GONÇALVES e FURTADO, 2001).

Faremos, agora, uma breve explanação da noção de campo de acordo com Peter Spink (2003) por entendermos que ela oferece elementos para pensar e discutir o uso de variados instrumentos de investigação e como isto emerge no contato com o campo.

## **2. O campo de pesquisa**

De acordo com Peter Spink (2003) o campo de pesquisa em Psicologia Social, comumente, é entendido como um lugar em que o pesquisador se desloca para coletar dados. O que para o mesmo autor esta prática está relacionada à perspectiva adotada pela antropologia tradicional na qual:

(...) a pesquisa de campo se referia à observação e à interação com as pessoas 'no seu habitat natural', no lugar específico da ação fora das paredes do laboratório. Era um campo que existia num “lugar” e quando o pesquisador não estava “no lugar”, também não estava “no campo”. O “campo” portanto era onde o pesquisador ia para fazer seus estudos (*o.p.*, p. 21).

Encontramos tal perspectiva presente na literatura acadêmica, principalmente a que corresponde à pesquisa social. O campo é descrito em termos espaciais, circunscrito pelo pesquisador de acordo com as suas concepções teóricas acerca do objeto de investigação. Como consequência dessa forma de entender o campo, observamos na mesma literatura uma lista de maneiras, cuidados na aproximação do campo; e uma descrição do como o pesquisador deve proceder ao aplicar determinados instrumentos de pesquisa. O que pode favorecer uma compreensão do social como algo estático, passível à aplicação de técnicas.

No presente trabalho a perspectiva de campo se assemelha à definição de campo-tema de Peter Spink (2003, p.28) a qual corresponde a uma "rede complexa de sentidos", que vai sendo construída num constante diálogo acerca do tema. Diálogo esse, segundo o mesmo autor, é "debatido", "negociado" e "arguido", situado dentro de um processo que tem tempo e lugar históricos .

Ao iniciarmos as nossas pesquisas de mestrado, nos deparamos com o tema, quer seja o referente à nomeação mulher pescadora quer seja o que se refere à reabilitação psicossocial na conjuntura atual da reforma psiquiátrica no Brasil, e, assim, fomos nos aproximando de pessoas, eventos, lugares, etc., que nos dão informações acerca da temática de nosso interesse. Cada fonte de informação traz consigo sentidos e/ou significados que são comunicados na relação pesquisador-pesquisado. Ambos expressam suas motivações, experiências, preocupações, etc., associadas direta ou indiretamente ao tema de pesquisa investigado.

Nesse processo comunicativo, pesquisador e pesquisado vão construindo também sentidos e significados da prática de pesquisa. Nessa construção a pesquisa surge como prática social em que todo o seu processo de elaboração e execução é negociado entre os seus atores.

Participam desse processo de negociação do cotidiano da pesquisa tanto o pesquisador quanto aquele que é pesquisado. A compreensão de campo presente neste trabalho abrange todas as fases da pesquisa em que uma escolha e discussão de um dado tema fazem parte do campo de pesquisa. A partir disso defendemos a ideia de que uma escolha das ferramentas de investigação foi sendo delineada desde o momento em que entramos no campo, ou seja, desde o momento que escolhemos o tema.

### **3. A escolha de instrumentos de investigação e a configuração do campo de nossas dissertações**

#### **3.1 O campo da reabilitação psicossocial**

O interesse pelo tema da reabilitação psicossocial, na conjuntura atual de reforma psiquiátrica em nosso país, foi despertado ainda na graduação, quando a pesquisadora entrou em contato com textos do sociólogo canadense Erving Goffman (1922 - 1982), com visitas realizadas concomitantemente ao maior hospital psiquiátrico da cidade do Recife.

Goffman, de 1956 de 1955, fez uma pesquisa de campo nas enfermarias de um hospital psiquiátrico norte-americano, que contava com 7.000 internos. Deste trabalho resultaram livros como "Manicômios, prisões e conventos" (1961) e "Estigma" (1963).

É importante frisar que entre uma disciplina da graduação, em 2001, e a seleção do Mestrado, em 2005, houve a aprovação do Projeto de Lei número 10.216 que, entre outras coisas, prevê uma desativação gradativa dos hospitais psiquiátricos e a criação de serviços substitutivos para oferecer tratamentos na área de saúde mental.

A partir dessas informações e com as discussões e questionamentos levantados durante as aulas de disciplinas do Mestrado e reuniões de orientação, o projeto mudou para poder abarcar esta nova realidade surgida com o "desmantelamento" dos manicômios e a criação de serviços substitutivos.

Assim, o objeto de estudo passou a ser o processo de reabilitação psicossocial junto à equipe de profissionais em serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos, especificamente os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

A opção pelo CAPS deu-se porque este é o serviço de atendimento em saúde mental que possui o maior número de unidades criadas e em funcionamento por todo o Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde ([www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)). E a escolha pela reabilitação psicossocial foi ocasionada por ela ser um dos "pilares" da reforma psiquiátrica, em oposição à institucionalização psiquiátrica em hospitais, anteriormente tida como o paradigma de atendimento aos doentes mentais.

A fim de conhecer a organização e o funcionamento do CAPS, a pesquisa de mestrado contou, inicialmente, com a realização de observações no centro de atenção psicossocial escolhido para a pesquisa num centro de atenção psicossocial na região metropolitana do Recife. As observações permitiram a visualização do comportamento dos profissionais dos CAPS em seu contexto temporal-espacial de atuação, além de nos permitir observar como se dá o funcionamento deste serviço substitutivo na prática (ALVES-MAZZOTTI; GERWANDSZNAJDER, 2004).

Desta forma, o uso da observação foi de extrema importância porque permitiu uma compreensão acerca do funcionamento de um centro de atenção psicossocial e das relações estabelecidas entre a clientela, seus familiares e os profissionais em saúde mental.

Os principais temas que guiaram as observações foram a estrutura física do local, a rotina dos usuários e dos técnicos de referência, a atuação dos profissionais enquanto técnicos de referência, as atividades terapêuticas, o posicionamento assumido pelos técnicos de referência com relação aos usuários, os encaminhamentos realizados pelos técnicos de referência em equipe e a questão da rede em saúde mental.

Estas observações sempre foram acompanhadas de conversas informais que serviam para esclarecimentos, com o objetivo de se compreender melhor o significado das ações observadas. As observações foram registradas em um diário de campo, o que facilitou a análise dos dados.

Após as observações foi realizado um grupo focal com estes profissionais para se discutir a reabilitação psicossocial no contexto da reforma psiquiátrica brasileira e do serviço substitutivo no qual eles atuam. A escolha pelo grupo focal se deu porque ele apresenta elementos de discussão em grupo, mas tendo um "foco", no caso a reabilitação psicossocial, o que permitiu identificar aspectos, tanto individuais quanto grupais, acerca do atendimento/atenção que os profissionais técnicos de referência empregam no CAPS no sentido de promoção do processo de reabilitação psicossocial (ROMERO *in* SCARPARO, 2000).

O grupo focal é uma técnica de coleta de dados que é empregada quando se deseja identificar opiniões, sentimentos e formas de entender a realidade por parte de um grupo que a constitui. Assim, algumas perguntas previamente elaboradas norteiam a discussão, que é facilitada pelo pesquisador, e acompanhadas por um auxiliar observador que também pode intervir no grupo a partir de comentários advindos de suas observações.

É importante além destas perguntas e questões previamente elaboradas, que os grupos focais sejam audiogravados ou filmados para posteriores análises, porque a quantidade de dados levantada durante um encontro é muito grande para que sejam registradas apenas através de anotações do facilitador e do auxiliar.

Um dos critérios para a constituição de um grupo focal é que os sujeitos tenham fortes elos de identificação. No nosso caso, o grupo foi constituído por seis técnicos de referência - TR de um centro de atenção psicossocial que conta com 14 TRs, o que se configurou como o ponto em comum essencial para a formação do grupo. E, mais, como esses TR já trabalham

em equipe no serviço substitutivo podemos dizer que o nosso grupo focal foi uma amostra significativa deste grupo maior.

Os sujeitos que constituíram o grupo foram voluntários. Assim, o critério para eles participarem foi a vontade. Foi realizado apenas um grupo focal porque ele foi suficiente para responder às questões.

Segundo Gondim (2002), o grupo focal para a coleta de dados em pesquisas qualitativas ocuparia uma posição intermediária entre a observação e as entrevistas. Sendo assim, com a análise do grupo focal ficaram algumas questões em aberto que foram aprofundadas com a realização de duas entrevistas, com dois dos técnicos participantes do grupo focal.

Os diversos tipos de entrevistas são os instrumentos mais utilizados para a obtenção de dados em pesquisas qualitativas (GEWANDSZNAJDER; ALVES-MAZZOTTI, 2004). Optamos pela entrevista semi-estrutura porque tínhamos um roteiro prévio, elaborado para aprofundar questões acerca da reabilitação psicossocial surgidas durante as observações e o grupo focal que precisavam ser contempladas no momento do encontro entre a pesquisadora e o TR voluntário.

### **3.2. O campo da nomeação mulher pescadora**

O contato com o tema de pesquisa e, principalmente, com a população pesqueira foi a partir do ano de 2004, ainda na graduação de Psicologia, a partir da pesquisa *Mobilização Social: Participação dos Pescadores e Pescadoras na Organização das Colônias*<sup>1</sup>, que a nomeação *mulher pescadora* despertou a minha curiosidade.

A nomeação *mulher pescadora* tinha em determinados contextos, como nas conferências estaduais e nacionais realizadas pela SEAP/PR, era mais comum de ser ouvida do que nas entidades representativas da categoria dos profissionais do setor pesqueiro.

Numa entidade representativa da classe dos pescadores, a *Colônia de Pescadores e Marisqueiras Z-16 Mesquita Braga*, ao me referir às mulheres como *pescadora* fui interrompida e corrigida, pois para o secretário daquela colônia não havia *pescadoras* e sim *marisqueiras*. Pois, a *pescadora*, era aquela mulher, cuja atividade de pesca estava voltada à captura de peixes em alto-mar e, a *marisqueira*, a que realizava a coleta de mariscos na Lagoa Mundaú.

O uso da nomeação *mulher pescadora* e a presença desta na colônia anteriormente referida se torna “inexistente”, visto que, geralmente, nas localidades pesqueiras a pesca em alto-mar é realizada pelos homens (ESCALLIER, 1999; MOTTA-MAÚES, 1999; MANESCHY, 1995; WOORTMANN, 1992).

Em outubro de 2004, ao participar do 1º Encontro das Pescadoras e Aquicultoras do Estado de Alagoas, organizado pela SEAP/PR, a nomeação *pescadora* surge numa faixa de saudação dirigida às mulheres a seguinte inscrição: “A FEPEAL saúda todas as pescadoras do Estado de Alagoas”. Diante disso a pesquisadora responsável pela pesquisa, a qual eu estava vinculada, questionou sobre a inscrição na faixa ao presidente da Federação de Pescadores do Estado de Alagoas (FEPEAL). Este lhe respondeu que as mulheres, no momento atual, são *pescadoras* e não mais *marisqueiras*.

Esses acontecimentos apontaram para duas suposições. A primeira indicava que o uso da nomeação *mulher pescadora* era algo recente. E em segundo que esta se referia a todas as mulheres que atuavam no setor pesqueiro.

Vários questionamentos surgiram a partir de situações como as descritas anteriormente. Esses giraram em torno do papel das mulheres nas localidades pesqueiras, das relações existentes entre homens e mulheres no que se refere à atividade pesqueira, bem como, sobre o que se considerava como pesca e como profissional deste setor. Tais inquietações começaram, no ano de 2006, a ser consideradas como foco de investigação da pesquisa de mestrado.

Em contato com a literatura sobre o trabalho das mulheres no setor pesqueiro, durante o mestrado, as temáticas traziam a discussão acerca da participação das mulheres, direta e indiretamente, na economia pesqueira; a presença de uma distinção entre o trabalho masculino e o feminino nas localidades pesqueiras e; a invisibilidade das atividades realizadas pelas mulheres em localidades, cuja tradição é a da atividade pesqueira.

Nos textos que mencionavam a invisibilidade do trabalho das mulheres nas localidades pesqueiras, chamou atenção o fato das pesquisas considerarem que os estudos acadêmicos contribuíam para a legitimação dessa invisibilidade, ao assumir o discurso público sem questionar acerca da atuação das mulheres nessas localidades. Com isso, além de subsidiar a compreensão acerca do trabalho das mulheres no setor pesqueiro, a literatura acadêmica passou a ser considerada como fonte de informação sobre o uso da nomeação *mulher pescadora*.

Outra possibilidade que a literatura permitiu foi considerar a legislação sobre a atividade pesqueira e os relatórios das conferências e encontros realizados pela SEAP/PR como material de análise, uma vez que esses materiais reportavam a épocas distintas da história do setor pesqueiro e dos atores sociais a ele pertencentes. O que permitiu mapear a emergência da nomeação *mulher pescadora* ao longo do tempo. O instrumento de investigação usado para atingir esse objetivo foi o denominado como *análise de documentos de domínio público*.

Os documentos de domínio público correspondem aos materiais de circulação e de acesso livre que têm por finalidade serem divulgados. Eles “são produtos em tempo e componentes significativos do cotidiano; complementam, completam e competem com a narrativa e a memória” (SPINK, P. 1999: 126). Como registros documentais, possibilitaram identificar o sentido e o contexto histórico-cultural o qual a nomeação era usada, bem como, forneceram elementos para entender as consequências desse uso.

Em contato com mulheres e homens da pesca artesanal, a definição de pescador vigente no Art. 26, do Decreto – lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, cujo texto diz: “Pescador profissional é aquele que, matriculado na repartição competente segundo as leis e regulamentos em vigor, faz da pesca sua profissão ou meio principal de vida” (BRASIL, 1967), era contraditória ao que alguns moradores, nos bairros pesquisados, definiam como pesca e, conseqüentemente, sobre quem poderia ser ou não o pescador, a pescadora e a marisqueira.

Como os documentos de domínio público, as pessoas possuíam versões distintas que estavam relacionadas ao seu processo de socialização pelo qual elas aprenderam sobre a atividade pesqueira e aos espaços que frequentavam.

A partir dessa constatação os sentidos que cada uma das pessoas tinha sobre o universo da pesca se tornavam relevantes para identificar os usos da nomeação no dia-a-dia de homens e mulheres que praticavam atividades de pesca nos bairros pesquisados. A entrevista semi-estruturada e a observação participante vão ser os dois instrumentos de pesquisa utilizados com essa finalidade.

A escolha pela entrevista do tipo semi-estruturada ocorreu devido ao fato desta permitir, segundo Shea, citado por Nunes (2002), a construção e a elaboração de perguntas conforme o diálogo estabelecido com as pessoas. Esse tipo de entrevista tanto tinha um roteiro com temas acerca das nomeações e atividades de homens e mulheres no setor pesqueiro; como um intuito de proporcionar um espaço de conversação entre pesquisador e pesquisado no qual ambos pudessem construir um conhecimento acerca da nomeação *mulher pescadora* e até da situação de pesquisa.

A escolha dos participantes desta pesquisa consistiu, inicialmente, na identificação de algumas pessoas que realizavam atividades pesqueiras, denominadas informantes-chave que, posteriormente indicaram outras. Estas, por sua vez, também indicaram outras e assim,

s sucessivamente, até que as informações fossem suficientes para a pesquisa. Essa técnica é conhecida como “Bola de Neve”(ALVES, 1991, p. 61) e permitiu driblar dificuldades referentes à identificação das pescadoras, visto que, geralmente, as mulheres nas comunidades pesqueiras não são e nem se reconhecem como pescadoras (ESCALLIER, 1999; MOTTA-MAÚES, 1999; MANESCHY, 1995; WOORTMANN, 1992).

A observação teve como foco a participação política, as atividades pesqueiras realizadas pelas mulheres e o acesso a direitos destas. Essas informações foram geradas a partir de observações nas seguintes localidades: na colônia de pescadores no bairro do Trapiche da Barra em Maceió-AL, no anexo à casa da presidente da Associação de Maricultores Anjos do Mar.

Esses locais foram escolhidos devido à circulação de homens e mulheres, visto que estão associados à concessão de algum direito social, ao cadastro profissional do setor esportivo. Além disso, são espaços que a comunidade usa para reuniões as mais diversas, cursos, reforço infantil e posto de atendimento para a equipe do Programa Saúde da Família (PSF) no caso do bairro de Ipioca.

Vale destacar que esse conjunto de instrumentos foi configurado num processo interno e externo de reflexões e ações, impulsionado pelo tema, pelos lugares e pelas pessoas que circulavam nesses. Conseqüentemente, o campo foi se configurando numa negociação entre esses elementos, bem como, ele próprio produziu elementos que deram um rumo para a realização da pesquisa acerca do uso da nomeação mulher pescadora.

#### **4. Conclusões**

De acordo com Aguiar (*in* Bock, Gonçalves & Furtado, 2002, p. 139):

Só ao levar em conta a realidade social poderemos explicar um movimento que é individual e ao mesmo tempo social/histórico. Nossa tarefa consiste, portanto, em apreender a forma como nossos sujeitos configuram o social, um movimento que sem dúvida é individual, único e ao mesmo tempo histórico e social.

Por isso, nossas pesquisas realizadas através de múltiplos instrumentos de investigação advindos das pesquisas qualitativas. E, como os instrumentos são formas de levar os sujeitos a construir uma fala acerca de nosso objeto de pesquisa, decidimos utilizar estas técnicas porque elas permitem obter uma variedade de dados acerca do nosso objeto de pesquisa e do contexto no qual ele se desenvolve. Esta fala não é uma mera resposta às perguntas, ela é uma construção histórica acerca do objeto pesquisado (*op cit*). Por isso, os instrumentos aqui utilizados são percebidos como um momento de comunicação entre as pesquisadoras e os pesquisados.

Para a pesquisa em Psicologia Social a utilização de vários instrumentos de investigação proporciona uma apreensão da complexidade da realidade que um determinado fenômeno apresenta. É importante considerar que o pesquisador está implicado, diretamente, na configuração deste fenômeno, assim como os técnicos de referência do CAPS na Região Metropolitana do Recife, as mulheres e homens que atuam na pesca artesanal em Maceió.



## 5. Referências

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, maio de 1991. p. 53-61

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. & GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 2004. 203 p.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina e FURTADO, Odair. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL, Decreto – lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a proteção e estímulos à pesca e dá outras providências. **Diário Oficial da União. Brasília**, 1967. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/Del0221.htm>>, Acesso em: 18 out. 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. Da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_ **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 77-87.

ESCALLIER, Christine. O papel das mulheres da Nazaré na economia haliêutica. **Etnográfica**, vol. III, n. 2, p. 293-308, 1999. Disponível em: <[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_03/N2/Vol\\_iii\\_N2\\_293-308.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_293-308.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2006. 1999.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**. v. 7, nº 2. Natal/RN, jul/dez, 2002.

GOES, Lidiane de Oliveira. **Os usos da nomeação mulher pescadora no cotidiano de homens e mulheres que atuam na pesca artesanal**. 2008, 219f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 158 p.

\_\_\_\_\_. **Manicômios, prisões e conventos**. 7ª ed. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2005. 312 p.

MANESCHY, Maria Cristina. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, ser. Antropologia** – Vol. 11, n 2, p.145-166, Belém, 1995.

MOTTA-MAÚES, Maria Angélica. Pesca de homem/peixe de mulher (?):repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasi. **Etnográfica**, vol. III, n. 2, p.

377-399, 1999. Disponível em:

<[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_03/N2/Vol\\_iii\\_N2\\_377-399.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-399.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2006.

NUNES, Maria Lucia T. Entrevista psicológica. In: CUNHA, Jurema Alcides (Org.) **Psicodiagnóstico - R**. São Paulo: Artemed, 2002.

SANTOS, Gláucia Lorena Guedes dos. **Sobre discursos e práticas**: a reabilitação psicossocial pelo olhar dos técnicos de referência de um CAPS da região metropolitana de Recife. 2008, 147f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SCARPARO, Helena (Org.). **Psicologia e Pesquisa** – perspectivas metodológicas. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, dez. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 set. 2009. doi: 10.1590/S0102-71822003000200003.

\_\_\_\_\_. Análise de documentos de domínio público. In: SPINK, Mary Jane P.(Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.